

ALTAIR ALBERTO FÁVERO | JAYME PAVIANI
RAIMUNDO RAJOBAC
ORGANIZADORES

Vínculos filosóficos



Altair Alberto Fávero
Jayme Paviani
Raimundo Rajobac

Organizadores

Vínculos filosóficos



© dos organizadores

Revisão: Izabete Polidoro Lima

Editoração: Traço Diferencial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

V778 Vínculos filosóficos : homenagem a Luiz Carlos Bombassaro / org. Altair Alberto Fávero, Jayme Paviani, Raimundo Rajobac. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2020.
699 p.: il.; 23cm.

Apresenta bibliografia.
ISBN 978-65-5807-000-9

1. Filosofia. 2. Bombassaro, Luiz Carlos – Filosofia. 3. Bruno, Giordano, 1548-1600 – Filosofia. 4. Teoria do conhecimento. 1. Fávero, Altair Alberto. II. Paviani, Jayme. III. Rajobac, Raimundo.

CDU 2. ed.: 1

Índice para o catálogo sistemático:

1. Filosofia	1
2. Bombassaro, Luiz Carlos – Filosofia	1BOMBASSARO
3. Bruno, Giordano, 1548-1600 – Filosofia	1BRUNO
4. Teoria do conhecimento	165

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária
Paula Fernanda Fedatto Leal – CRB 10/2291

Direitos reservados à:



– Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone / Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR: (54) 3218 2197
Home page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br



EDITORA AFILIADA

REFLEXÕES SOBRE ÉTICA NA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE

Jaime José Zitkoski

INTRODUÇÃO

A perspectiva educacional de Freire coloca-se desde sua origem no horizonte de uma pedagogia crítica e humanizadora, que tem como fundamentação última a defesa da ética humana, pois os fundamentos epistemológicos e antropológicos da pedagogia freireana convergem para a concepção de *uma ética universal do ser humano*.

A ética é concebida em Freire enquanto expressão da própria natureza humana, que vai sendo fabricada na História. Freire fala na nossa vocação para o *ser mais* enquanto espécie humana. Nessa direção, Freire é radicalmente crítico frente aos modismos filosóficos pós-modernizantes, que esvaziam o campo da ética a ponto de professarem um relativismo sobre os princípios que devem embasar nossa ação no mundo.

A alternativa freireana ao relativismo pós-modernista, hoje muito em voga, é a defesa de uma *Ética universal* do ser humano, enquanto potencial intrínseco à sua própria natureza (gestando-se na História). Portanto, a crítica dirigida por Freire aos sistemas político-econômicos e sociais, que impõem a desumanização a milhões de seres humanos tem, acima de tudo, a preocupação ética com a defesa da vida humana digna para todos.

As críticas à globalização econômica (de cunho neoliberal) visam a mostrar sua perversidade humana na transgressão ética, que jamais deve ser aceita na História. Entretanto, diante da realidade social de transgressão à ética humana, Freire insiste na necessária intervenção prática (política) no mundo para transformá-lo e, nessa direção, desde a origem da nossa ação transformadora, impõe-se a coerência ético-política no cultivo do diálogo verdadeiro – que requer condições reais para efetivamente realizarmos novas práticas culturais (não totalizantes da vida humana).

1 A DEFESA DA *ÉTICA UNIVERSAL* DO SER HUMANO

A concepção da *Ética universal* em Freire está diretamente relacionada com a sua visão de *natureza humana*, que vem fazendo-se na História como possibilidade, ou vir a ser mais, como *um processo do gentificar-se*. A sua interpretação radicalmente dialética sobre a vida humana que, enquanto presença no mundo, vai se gestando na História, a partir da intervenção nas realidades constitutivas do próprio mundo, é o fundamento para conceber uma ética universal do ser humano. A busca de humanização do mundo, que faz da natureza humana uma constante busca do *ser mais*, revela em nós, seres em construção, uma existência radicalmente ética. Nesses termos, Freire defende a universalidade da ética humana:

Quando falo, porém, da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana. Ao fazê-lo estou advertido das possíveis críticas que, infiéis ao meu pensamento, me apontarão como ingênuo e idealista. Na verdade falo da ética universal do ser humano da mesma forma como falo de sua vocação ontológica para o ser mais, como de sua natureza constituindo-se social e historicamente (FREIRE, 1997, p. 20).

O ser humano não só está no mundo, pois não é um ser passivo, totalmente adequado a ele. Ao contrário, é um ser de escolhas, de decisão e, por isso mesmo, se tornou uma *presença no mundo*, que tem um modo especial de ser. Ou seja, a autenticidade da existência humana está diretamente relacionada ao fato de que, enquanto presença no mundo, o ser humano não só está no mundo, mas intervém nele, transforma-o, toma decisões, rompe com o já feito, avalia, constata e também sonha com um mundo diferente. “É no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude” (FREIRE, 1997, p. 21).

A partir do fato de que a natureza humana não está pronta (por que não é um *a priori* da História), nós, seres humanos, estamos em constante busca para realizar nossa *vocação ontológica* e nos tornarmos mais gente, que implica, da mesma forma, gentificar (humanizar) o mundo (FREIRE, 1993; 1994; 1997). No entanto, essa busca de humanização de nós mesmos e do mundo, que é uma marca da natureza humana segundo Freire, não significa que a humanização seja de fato algo, absolutamente, certo e automaticamente realizável na História.

A negação do *ser mais* enquanto vocação ontológica do ser humano também é possível, tanto que é um fato concreto na História. Esse acontecimento demonstra que, enquanto seres da busca, nos encontramos sempre imperfeitos, inconclusos e condicionados por *situações-limite* que atrofiam nosso próprio ser. Ou seja, em um

mundo que desumaniza e atrofia a realização do *ser mais* (FREIRE, 1994) não é somente o mundo que se torna desumano, mas as pessoas concretamente são atrofiadas e desumanizadas negando, assim, sua própria natureza.

No seio dessa realidade acima descrita, que também é um fato concreto na História humana, ocorre a transgressão da ética, enquanto a própria negação do sentido humano de nossa intervenção no mundo. Não é outra ética porque a própria natureza é uma exigência em si mesma de autoconstrução na História e não destruição de si e do mundo. Portanto, nossas decisões vão ser sempre decisões éticas, ou transgressoras da ética e, portanto, antiéticas.

O inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desprezitar a rigorosidade ética e resvalar para a negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade de desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão (FREIRE, 1997, p. 66).

A transgressão ética é uma possibilidade na História, mas jamais podemos aceitá-la como marca de outra vocação humana. Sua realidade efetiva em nosso mundo revela a desumanização que grande parte dos habitantes do Planeta sofrem na atualidade. Mas tal realidade implica a própria negação da natureza humana. Diante desse fato, a nossa luta, enquanto coautores da elaboração do mundo, deve ser pautada a favor da *eticidade* da vida humana em sociedade, que implica a resistência contra a desumanização e a construção de novas estruturas de organização do mundo. Esse é o desafio intrínseco à proposta política de libertação, que deve partir dos oprimidos porque são os que mais sofrem as consequências sociais desumanizadoras.

Uma proposta ético-política e pedagógica de intervenção no mundo não tem sentido algum se não está pautada no resgate da *humanidade atrofiada* em milhões de pessoas no mundo todo. A perversidade e a indiferença como são tratados os contingentes de seres humanos, que não fazem parte dos planos estratégicos dos sistemas econômicos e políticos hoje vigentes, demonstra a *transgressão ética* que se encontra escancarada nos quatro cantos do mundo. A defesa ética de nossa ação política passa pela recusa em aceitar as *ideologias fatalistas*, que reproduzem um determinismo histórico sempre justificador das práticas antiéticas. Não podemos aceitar, em hipótese alguma a visão fatalista da História que quer nos imobilizar fazendo-nos perder a esperança diante do futuro social, político, cultural e histórico.

Daí a minha recusa rigorosa aos fatalismos quietistas que terminam por absorver as transgressões éticas em lugar de condená-las. Não posso virar

conivente de uma ordem perversa, irresponsabilizando-a por sua malvadez, ao atribuir a ‘forças cegas’ e imponderáveis os danos por ela causados aos seres humanos (FREIRE, 1997, p. 113).

A realidade é produção dos seres humanos e não um *destino trágico* que estaria acima de nosso poder de alterá-lo. As consequências das decisões políticas devem ser eticamente avaliadas e não simplesmente justificadas através de argumentos fatalistas, cientificamente falsos e ideologicamente perversos à inteligência humana, em seus diferentes modos de perceber e significar o mundo.

2 CRÍTICAS À “ÉTICA DO MERCADO” QUE DESPREZA O SER HUMANO E DESTRÓI A NATUREZA

Ao partir do princípio de que “não há verdadeira política sem ética”, Freire analisa criticamente o pragmatismo político que está por trás das realidades sociais e desumanizadoras constitutivas de nosso mundo contemporâneo. Mas, nosso autor não fica em uma crítica abstrata. Além de mostrar os efeitos que a desumanização produz concretamente à vida de milhões de seres humanos, suas análises problematizam sobre as causas que efetivamente produzem tais efeitos.

Nesse sentido, Freire faz uma crítica radical à ideologia embutida na globalização econômica neoliberal pela sua perversidade nos planos e métodos de “governar o mundo” e, igualmente, pela sua indiferença frente à *miséria humana* que esses planos “metodicamente” produzem. Por tais razões, o esforço de Freire é desmascarar a *malvadez* do capitalismo em sua cruzada essencialmente ideológica que prega o *fim das ideologias*. Mas, com o mesmo rigor, a proposta freireana é desafiadora frente à necessidade histórica de superar os sistemas político-econômicos opressores e essencialmente destrutivos da vida em sua lógica interna. Essa exigência, antes de ser política, é essencialmente ética à luz da proposta de uma *ética universal do ser humano*.

A denúncia ética, contra as realidades constitutivas do mundo desumanizado em que vivemos na atualidade, é objeto de inúmeras passagens nos escritos de Freire. Mas, por questões práticas, apenas destacaremos algumas que trazem dados significativos sobre a dimensão a que chegou o desrespeito e a agressão sistemática à dignidade da vida de grande parte da população mundial. Em seu livro *Pedagogia da esperança*, Freire, citando o relatório de Unicef, 1990, nos coloca:

Cerca de 30 milhões de crianças de menos de 5 anos morrem anualmente de causas que normalmente não seriam fatais em países desenvolvidos. Cerca de 110 milhões de crianças no mundo todo (quase 20% do grupo de idade) deixam de receber educação primária [...]. Mantidas as atuais tendências

mais de 100 milhões de crianças morrerão de doenças e desnutrição na década de 90. As causas dessas mortes podem ser contadas nos dedos [...]. Morrerão ressequidas pela desidratação, sufocadas pela pneumonia, infectadas pelo tétano ou pelo sarampo ou asfixiadas pela coqueluche. Essas cinco doenças muito comuns, todas relativamente fáceis de prevenir ou tratar [...] (FREIRE, 1994, p. 95).

Em outra passagem, agora da *Pedagogia da autonomia*, também reflete a barbárie das políticas hoje em vigor no mundo, que são mantidas pelos países líderes da globalização neoliberal, revela o seguinte:

Em nível internacional começa a aparecer uma tendência em aceitar os reflexos cruciais da ‘nova ordem mundial’, como naturais e inevitáveis. Num encontro internacional de ONGs, um dos expositores afirmou estar ouvindo com certa frequência de países do Primeiro Mundo a ideia de que crianças do Terceiro Mundo acometidas por doenças como diarreia aguda, não deveriam ser salvas, pois tal recurso só prolongaria uma vida já destinada à miséria e ao sofrimento” (FREIRE, 1997, p. 17).

Na mesma direção, de denúncia contra a malvadez do sistema capitalista em sua atual versão neoliberal, cada vez mais violento nas formas de impor a dominação para atingir seus objetivos de maior lucro possível, em menor tempo dispendido, Boff conclui:

Há um descuido e um descaso pela vida inocente de crianças usadas como combustível na produção para o mercado mundial. Os dados da Organização Mundial de Infância de 1998 são aterradores: 250 milhões de crianças trabalham. Na América latina 3 em cada 5 crianças trabalham. Na África, uma em cada 3. E na Ásia uma em cada duas. São pequenos escravos a quem se nega a infância, a inocência e o sonho. Não causa admiração se são assassinadas por esquadrões de extermínio nas grandes metrópoles da América Latina e da Ásia. Há um descuido e um descaso manifesto pelo destino dos pobres e marginalizados da humanidade, flagelados pela fome crônica, mal sobrevivendo da tribulação de mil doenças, outrora erradicadas e atualmente retornando com redobra virulência.[...] Há um descuido e um abandono dos sonhos de generosidade, agravados pela hegemonia do neoliberalismo com o individualismo e a exaltação da propriedade privada que comporta. Menospreza-se a tradição de solidariedade. Faz-se pouco dos ideais de liberdade e de dignidade para todos os seres humanos. Essa situação se aprofundou com a queda do socialismo, que ameaça a consciência da cooperação e do internacionalismo (BOFF, 1999, p. 4).

Essa é a ideologia do *pragmatismo político* que, a partir de seus planos estratégicos elaborados para obter maior lucro possível nos negócios interplanetários, condena grande parte da população mundial ao “destino trágico” de morrer de fome, ou por doenças de simples cura, tal como uma diarreia. Para essa visão de mundo, ou de política, o ser humano não tem valor, é um simples objeto de manobra que pode ser usado como qualquer animal, máquina ou instrumento de produção e acumulação de riquezas. Quando não serve mais para os “planos estratégicos” do acúmulo do lucro, é descartado e fica à mercê de sua própria sorte (FRIGOTTO, 1997).

É a partir desses planos políticos estruturados na ótica da globalização neoliberal que ficam totalmente excluídos aproximadamente dois terços da população mundial. O fenômeno do desemprego estrutural é o exemplo clássico dessa exclusão, mas há outros métodos e formas sutis de exclusão, que descartam regiões inteiras dos planos político-econômicos.

Há uma exclusão total da África que, enquanto continente periférico e historicamente espoliado pelos europeus, não entra nos planos da organização de um mercado global. Outras regiões, como a América Latina, são tratadas como economias de “países emergentes” que, para competirem no mercado global, devem reestruturar-se à luz da lógica de competição internacional. Por essa razão, os países emergentes precisam seguir o receituário do Primeiro Mundo, mesmo que isto represente a exclusão social de grande parte de seu povo.

Nessa direção que vem atuando a política neoliberal não há lugar para a *Ética universal* do ser humano. Se há algum tipo de ética nesse sistema político-econômico é uma *ética menor*, como bem nos coloca Freire, que visa apenas ao lucro. Diante dessa realidade histórica, precisamos denunciar o *vazio ético* e a malvadez contra o ser humano intrínsecos aos modelos político-neoliberais (FREIRE, 1997). Essa denúncia deve ser o ponto de partida para o nosso compromisso ético-político de *reinvenção do mundo* através da política, da cultura, do conhecimento, da economia e da própria vida cotidiana (FREIRE, 1994).

Um primeiro aspecto da crítica de Freire à globalização neoliberal é o fatalismo embutido nela e sua força ideológica que visa a impor-se como a salvação do mundo todo:

A capacidade de nos amaciar que tem a ideologia nos faz às vezes mansamente aceitar que a globalização da economia é uma invenção dela mesma ou de um destino que não poderia se evitar, uma quase entidade metafísica e não um momento do desenvolvimento econômico submetido, como toda produção econômica capitalista, a uma certa orientação política ditada pelos interesses dos que detém o poder (FREIRE, 1997, p. 142-143).

Há uma profunda distorção, mas que é ideologicamente planejada, na forma de conceber a História como determinismo e não como possibilidade. Diante dessa visão de mundo fatalista, não há outro caminho para Brasil, México, Argentina, Chile e outros países periféricos a não ser adotar o caminho “imposto” pelos países do Primeiro Mundo. Mesmo que as realidades sejam profundamente diversas, e que cada economia se encontra em um estágio próprio de desenvolvimento, a globalização professa a necessária abertura de todos os países à livre concorrência mundial. Por trás desses planos, os mecanismos do sistema financeiro, articulados com os interesses estratégicos das economias centrais, passa a impor o ritmo desse processo perverso de concorrência desleal e ditam as regras para o *capital especulativo* fazer suas apostas, deixando a maioria dos países periféricos cada vez mais frágeis e, por isso mesmo, mais excluídos e sufocados pela “lógica do capital”.

A “andarilhagem” gulosa dos trilhões de dólares que, no mercado financeiro, “voam” de um lugar para o outro com a rapidez dos faxes, à procura insaciável de mais lucro não é tratada como fatalidade. Não são as classes populares os objetos imediatos de sua malvadez. Fala-se, por isso mesmo, da necessidade de disciplinar a “andarilhagem” dos dólares (FREIRE, 1997, p. 63).

O fatalismo ideológico, embutido na ideologia neoliberal, demonstra, mais uma vez, a sua perversidade no abandono, na exclusão e desvalorização dos seres humanos em relação ao mercado. O que for importante para a administração dos negócios e a obtenção de maior lucro possível não é concebido como fatalidade; mas, o que tem relação com a maioria da sociedade, e se refere às consequências negativas da intervenção política da globalização, é tido como algo determinado, necessário e impossível de alteração na História. Nesse sentido, o desemprego é visto como uma fatalidade de *fim de século*; a pobreza e miséria humana como um *destino da História*; as doenças e epidemias decorrentes da miséria são vistas como uma *seleção natural*, e assim por diante. No entanto, numa perspectiva ética que defende radicalmente o ser humano e a vida em sua interdependência ecológica,

o desemprego no mundo não é, como disse e tenho repetido, uma fatalidade. É antes o resultado de uma globalização da economia e de avanços tecnológicos a que vem faltando o *dever ser* de uma ética realmente a serviço do ser humano e não do lucro e da gulodice irrefreada das minorias que comandam o mundo (FREIRE, 1997, p. 147).

Mas o que está por trás desse discurso, e aqui vem o segundo aspecto da crítica de Freire, é uma *lógica perversa* que interpreta e planeja o mundo, a partir dos princípios de mercado. A supervalorização do lucro e da riqueza em detrimento dos seres humanos, em sua dignidade e valor que lhes são intrínsecos, demonstra

um profundo vazio ético e/ou a defesa de uma *ética menor* invertendo a própria vocação da natureza humana. Eis a malvadez inerente à lógica do sistema capitalista em toda sua reprodução na História humana.

O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética de mercado e

não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente, se optamos na verdade por um mundo de gente. O discurso da globalização astutamente oculta ou nela busca penumbrar a reedição intensificada ao máximo, mesmo que modificada, da medonha malvadez com que o capitalismo aparece na História. O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca (FREIRE, 1997, p. 144).

A superação política dessas condições históricas do mundo atual somente poderá ocorrer a partir da defesa radical da ética do ser humano. O processo de libertação política, econômica, cultural e social requer a fundamentação ética como horizonte para avaliar a realidade complexa que constitui a vida em sociedade e as relações de interdependência entre a natureza e a espécie humana.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA FINALIZAR

A proposta freireana, portanto, converge para a *Ética da libertação* elaborada por Dussel (1993; 1994), como um caminho sociocultural de reinvenção da vida em sociedade, a partir dos oprimidos, ou das vítimas do sistema dominante.

É necessário recriar a cultura superando as lógicas que constituem um mundo da opressão e, na maior parte das circunstâncias históricas, são reproduzidas por nós mesmos. Mas, essa exigência implica fundamentar o ponto de partida ético não em teorias transcendentais (a exemplo da ética da modernidade), mas a partir da realidade de opressão, ou de toda forma de exclusão que a maior parte da população mundial sofre em seu cotidiano diário.

Portanto, a denúncia da perversidade materializada concretamente nas diversas formas de exclusão dos seres humanos requer a radicalidade do compromisso ético-libertador para resgatar a humanidade que está sendo atrofiada em milhões de pessoas. E essa é uma exigência radicalmente prática, que precisa se traduzir em transformações concretas no cotidiano da vida em sociedade.

O desafio das propostas freireanas, consideradas no conjunto das reflexões que buscamos desenvolver ao longo deste texto, demonstram a fecundidade de seu pensamento originariamente inovador e libertário. Na raiz de suas propostas,

encontra-se uma nova racionalidade – a *razão dialógica* – enquanto base fundante de um projeto de sociedade livre e democrática e de uma civilização humanizadora do mundo e gentificadora das estruturas sociais.

A pedagogia freireana, inspirada em uma ética da libertação, não é mero projeto, mas já está sendo construída por inúmeras experiências sociais emancipatórias. É a pedagogia libertadora como uma obra coletiva e partilhada, porque aberta ao novo e às diferentes culturas em suas formas criativas de organizar a vida.

Nessa perspectiva, é fundamental cultivarmos a comunicação que brota da horizontalidade das relações humanas no cotidiano das sociedades. Há um potencial sociocultural inesgotável a ser cultivado pela humanidade através do *diálogo aberto*, crítico, problematizador, que impulsiona novas práticas coletivas. Como nos diz o ilustre geógrafo brasileiro Milton Santos (1998), é a partir de *relações horizontais* que podemos reorganizar o nosso mundo e construir uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, uma *ética da solidariedade* é o caminho para nosso futuro no Planeta, pois precisamos resistir à lógica da globalização econômica (do sistema neoliberal em curso no Planeta), que está sendo hoje imposta verticalmente pelas grandes potências mundiais, e construirmos *outra globalização*, mediante práticas culturais que emergem do cotidiano da vida humana ressignificada por teias de relações solidárias, mais justas porque simétricas.

Concretamente, esse processo de construção de alternativas já está sendo efetivado em nossa história por meio de diferentes formas de organização das classes populares, da sociedade civil e dos movimentos sociais, que, no conjunto, produzem *outras economias e modos de vida* autenticamente latino-americanos, a partir das culturas populares, das lutas de povos e culturas distintas, diante da lógica das culturas dominantes.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: a ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

DUSSEL, Enrique. *Ética de la liberación: ética do discurso e filosofia da libertação – modelos complementares*. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

DUSSEL, Enrique. *O encobrimento do outro*. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. *A sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

FREIRE, Paulo. *Extensão e comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 1992.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Aprendendo com a própria história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo; FAUNDES, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo e litura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. *Que Fazer?: teoria e prática da educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 1996.
- GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1991.
- GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996.
- SANTOS, Milton. A aceleração contemporânea: tempo-mundo e espaço-mundo. *In*: SANTOS, Milton. *Desafios da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998.